



**UEPB**

Universidade  
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ANTONIO TARGINO DE SOUSA JÚNIOR**

**IDENTIDADE E CULTURA: O COLONIALISMO E PÓS-  
COLONIALISMO EM “O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO” DE MIA  
COUTO**

**Guarabira-PB**

**2017**

**ANTONIO TARGINO DE SOUSA JÚNIOR**

**IDENTIDADE E CULTURA: O COLONIALISMO E PÓS-COLONIALISMO EM “O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO” DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca

**Guarabira-PB**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725i Sousa Junior, Antonio Targino de.  
Identidade e cultura [manuscrito] : o colonialismo e pós-colonialismo em "O Último Voo do Flamingo" de Mia Couto / Antonio Targino de Sousa Junior. - 2017.

18 p. .

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Ivonildes da Silva Fonseca, Departamento de Letras - CH."

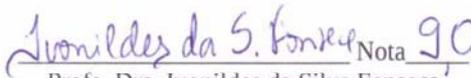
1. Identidade. 2. Colonialismo. 3. Pós-Colonialismo.

21. ed. CDD 869.3

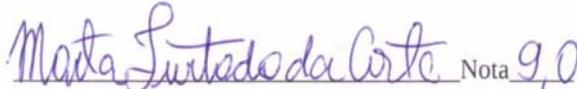
IDENTIDADE E CULTURA: COLONIALISMO E PÓS-  
COLONIALISMO EM "O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO" DE MIA COUTO

ANTONIO TARGINO DE SOUSA JÚNIOR

BANCA EXAMINADORA

 Nota 9,0  
Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
(Presidente – Orientadora)

 Nota 9,0  
Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
(1o Examinador)

 Nota 9,0  
Profa. Dra. Marta Furtado da Costa (UEPB)  
(2a Examinadora)

Data da aprovação: 31 de Maio de 2017.

Guarabira-PB

2017

## **AGRADECIMENTOS**

A Olodumare senhor de tudo;

Ao meu orixá Yemanjá por me permitir fechar esse ciclo;

A cigana Núbia por me acompanhar e ajudar desde outras vidas;

A minha família que sempre me desejou o melhor;

A querida e estimada Professora Ivonildes Fonseca por receber-me mais uma vez com um gesto exponencial de bondade e confiança;

A querida Professora Rosilda Alves por me apresentar a obra de Mia Couto;

A minha irmã Katiúscia e meu cunhado Daniel pela inestimável ajuda e ao meu companheiro Emmanuel de Freitas pela compreensão e amor dispensados.

## **RESUMO**

Tendo como base os estudos culturais de Bhabha, Hall e Silva que afirmam que as identidades culturais no mundo moderno são cada vez mais fragmentadas e deslocadas por processos atribuídos à globalização e pensando a identidade no mundo moderno, nesse contexto o presente trabalho tem o objetivo de fazer uma leitura de “O último voo do flamingo” do escritor moçambicano Mia Couto, observando como o contexto histórico, o período colonial e o impacto de tais processos nas identidades culturais em Moçambique resultaram em identidades formadas no interior de processos de colonialismo e pós colonialismo, verificando como o autor se utiliza de seus personagens através do contexto histórico em que se passa a narrativa, para tocar em questões como tradição e modernidade como formas de trabalhar o hibridismo cultural e as representações que servem de base para afirmação de identidades, na busca de uma nação moçambicana afirmada culturalmente e com uma identidade autêntica.

**Palavras-chave:** Identidade. Colonialismo. Pós-Colonialismo.

## **ABSTRACT**

Based on cultural studies of Bhabha Hall and Silva who claim that cultural identities in the modern world are increasingly fragmented and displaced by processes attributed to globalization, in this context, the present work aims to make a reading of "The Last flamingo flight "of the Mozambican writer Mia Couto, watching identities in Mozambique during colonialism and post colonialism suffered such displacement processes at how the author uses his characters through the historical context in which goes the narrative, to touch issues such as tradition and modernity as ways of working cultural hibidrisimo and representations that are the basis for identity affirmation, in finding a Mozambican nation affirmed culturally and with an authentic identity.

**Keywords:** Idenyti. Colonialism. Postcolonialism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 COLONIALISMO.....</b>	<b>07</b>
<b>3 EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>4 CONSEQUÊNCIAS DA DIÁSPORA.....</b>	<b>14</b>
<b>5 AS IDENTIDADES NO PÓS-COLONIALISMO.....</b>	<b>14</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de colonização de Moçambique foi um logo e lento processo empreendido pelos portugueses que começou com a chegada de Vasco da Gama a costa Moçambicana, os portugueses logo empreenderam esforços para exploração das riquezas naturais do país posteriormente colônia. Logo Portugal exercia o monopólio da extração de ouro e outras riquezas naturais, assegurando através da escravização seu poder e lucros garantidos à coroa. Os mercadores portugueses foram se infiltrando ora firmando acordos ora forçando-os, contudo em 1530 foi fundada a povoação portuguesa de Sena no rio Zambeze. À semelhança do que aconteceu a outras colônias portuguesas, Moçambique também se rebelou contra a ocupação colonial portuguesa iniciando sua luta armada, contudo as nossas semelhanças também estão ligadas culturalmente através de nossas literaturas.

As relações entre a literatura brasileira e a literatura moçambicana aconteceram através de textos e muitas vezes indiretamente, por intermédio de intelectuais portugueses presentes em Moçambique. Um fato une os dois países em perspectivas históricas: o colonialismo, bem como o efeito aviltado desse sistema em suas sociedades.

Após anos de colonialismo onde o colonizador impunha de forma violenta a sua cultura vista e entendida como dominante sobre a cultura de um povo identificado como inferior, dessa forma o povo de Moçambique experimentou uma “extirpação” de sua cultura que lhes servia para auto afirmar suas identidades.

## 2 COLONIALISMO

O discurso colonial enfraquece as bases culturais de um povo à medida que os faz “assimilarem” sua cultura bem como seus costumes levando para a colônia uma importação de valores que não lhes pertencem, fazendo com que o nativo se comporte como estrangeiro em sua terra.

Dessa forma, as culturas africanas foram inferiorizadas, negadas e os povos africanos considerados como bárbaros e sem cultura. As danças tradicionais eram consideradas práticas de povos selvagens, bárbaros, subdesenvolvidos e pagãos. Foi um longo processo ideológico de aviltamento dos homens e mulheres africanos, processo que foi agravado e sedimentado, posteriormente, com a expansão da ideologia contida na teoria das raças que impôs à diversidade do mundo a superioridade da raça branca (DELGADO, 2006, p. 46).

O colonialismo pode ser visto e entendido como um “aparato” do colonizador apoiando-se no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais, culturais, históricas, isso para fazer valer seu discurso, garantindo sua repetibilidade em conjunturas históricas, embasando-se discursivamente em estratégias de individuação e marginalização criando dessa forma o “estereótipo”.

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes que seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante) (BHABHA, 1998, p. 111).

O estereótipo pode ser visto como um modo de representação, fruto do discurso colonial no interior da colônia que é complexo, ambivalente e contraditório necessitando sempre de significações históricas e apropriação das várias esferas de atividade da colônia.

O sistema colonial português implantado em Moçambique tentou de todas as formas sufocar a diversidade cultural do país como forma de impedir não só o levante de uma nação bem como a construção de uma nação que pudessem chamar de Nação moçambicana.

“O último voo do flamingo” (2005) do escritor moçambicano Mia Couto é marcado pela presença de forças antagônicas que marcam a vida do povo de Moçambique vivendo os anos do pós-guerra e os efeitos do colonialismo sobre suas identidades culturais. A narrativa de Couto se constitui assim como um pressuposto ao estudo das relações entre o colonialismo, identidade cultural e cultura.

É possível depreender na escrita de Couto todo o efeito desestabilizador, bem como as dificuldades do povo de Moçambique nos anos do colonialismo português, onde a cultura moçambicana atravessou um período de verdadeira “extirpação cultural”. Na narrativa de “O último voo do flamingo” através de metáforas e da criatividade da linguagem é possível perceber a questão do estereótipo como substrato do colonialismo.

E pergunto: por que nos ensinaram essa merda de sermos humanos? Seria melhor sermos bichos, tudo instinto.

Podemos violar, morder, matar. Sem culpa, sem juízo, sem perdão. A desgraça é esta: só uns poucos aprenderam a lição da humanidade (COUTO, 2005, p. 178).

O colonizador pelo sistema que impõe a colônia cria o colonizado em situação de alienação fazendo-o sentir-se como estrangeiro em sua terra, negando-lhes a sua humanidade, como portador da civilização o colonizador surge como agente de um processo de desumanização, de violência que circunda toda a situação colonial, trata-se de um fenômeno induzido pela violência, que se traduzem nos castigos corporais, na discriminação e nas constantes humilhações, na imobilidade social tudo isso se interioriza no “eu” do colonizado dificultando-lhe pautar o cotidiano por normas e valores que lhes eram próprios, o complexo de inferioridade surge como resultado desse fenômeno de “interiorização” o qual o colono é constantemente submetido. A solução “que o sistema propõe ao colonizado é, afinal, a da negação da própria condição de negro ou árabe, a destituição da sua intrínseca humanidade” (ABDALA, 2004, p. 74).

Criado o estereótipo o colonizador apoia seu discurso em formas de negação que dá acesso ao reconhecimento da diferença do outro, ele cria possibilidades de diferença que liberaria o significante pele/cultura fixando-se na tipologia racial para engendrar seu discurso, aproveita-se de ideologias culturais de dominação racial ou da degeneração, dessa forma para o negro sua raça torna-se o signo negativo da diferença dentro do discurso colonial, isso porque o estereótipo impede fomentação e a articulação de pensamentos a respeito do significante de “raça”, esse pensamento fica limitado a sua fixidez enquanto racismo.

Couto aponta-nos os pressupostos à afirmação da identidade as marcas de diferenças, utilizadas para demarcar fronteiras culturais. Em uma primeira aproximação parece ser fácil definir a identidade, nesse sentido pensamos sou brasileiro, sou africano esse é um modo reducionista de se pensar a identidade, nessa perspectiva a identidade só tem uma referência que é si própria, também pensar a diferença como entidade independente leva-nos a um erro; nesse caso opondo-se a identidade diferença é algo que o outro é: ele é brasileiro, ele é africano, mas identidade e diferença caminham juntas, numa estreita relação de interdependência. É nesse sentido que o pai do tradutor, como uma espécie de remanescente de uma cultura que está sendo e tendo seu território invadido por outros valores, entendam-se valores por pessoas, ele representa a peça de resistência que demarca a diferença eu sou africano/ele europeu.

- E não quero esse italiano a escutar as palavras ouviu? Ainda não confio cento por cento nesse fidamãe.
- Meu pai, esse italiano nos está ajudar.

- A ajudar?
- Ele e os outros. Ajudam-nos a construir a paz.
- Nisso se engana. Não é a paz que lhe interessa. Eles se preocupam é com a ordem, o regime desse mundo.
- Ora, pai...
- O problema deles é manter a ordem que lhes faz serem patrões. Essa ordem é uma doença em nossa história (COUTO, 2005, p. 188).

Para a afirmação de suas raízes culturais étnicas e de raça as personagens de “O ultimo voo do flamingo” evocam sempre um passado histórico deixando claras as marcas de diferenças utilizadas para a afirmação de suas identidades, nesse processo de identidade e diferença podemos considerar a diferença com um produto derivado da identidade. Nessa perspectiva a identidade é uma referência à diferença tendo em vista que ambas são produzidas no interior de trocas sociais e culturais.

Há um fator que permeia e atravessa a identidade e a diferença são as relações de poder, para Silva:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

### **3 EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO**

Na narrativa de Couto, tradição e modernidade caminham lado a lado e servem como tópicos discursivos para entendermos a crise de identidade do povo de Moçambique. “Que posso fazer”? Sou preto, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça (COUTO, 2005, P. 95).

A crise de identidade do povo moçambicano deve-se a processos como mudanças sociais bruscas e ao efeito que a globalização exerce sobre as identidades.

A narrativa de Couto dentro desse contexto explicita por sua força simbólica não só a crise existente, nas identidades nacionais, étnicas e de raça, mas também a afirmação dessas

identidades bem como a busca à construção de uma identidade autêntica por parte do povo de Moçambique.

Ao passo que a globalização surge como um processo desestabilizador, ela pode levar a um fortalecimento das identidades locais, o choque que há entre as personagens de Couto devido à cor da sua pele, branco, preto, pode ser visto e entendido com uma reação defensiva por sua cultura, tornando possível o fortalecimento de uma identidade local.

A insistência do pós-modernismo por diferenças culturais, raciais e étnicas em oposição à cegueira e hostilidade que “a alta cultura europeia demonstrava, de modo geral, pela diferença étnica” (HALL, 2003, p. 319). É desconstruído no relato que Massimo Risi dirige ao secretário geral das Nações Unidas.

Cumpri-me o doloroso dever de reportar o desaparecimento total de um país em estranhas e pouco explicáveis circunstâncias. Tenho consciência que o presente relatório conduzirá à minha demissão dos quadros de consultores da ONU, mas não tenho alternativa senão relatar a realidade com que confronto: que todo este imenso país se eclipsou, como que por golpe de magia. Não há território, nem gente, o próprio chão se evaporou no imenso abismo. Escrevo na margem desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação (COUTO, 2005, p. 219).

Na fala da personagem evidencia-se a maneira poética que Mia Couto discorre a respeito de questões que assolam as sociedades contemporâneas, e de como sua narrativa mapeia a hibridização e crise das identidades do povo moçambicano do mundo moderno, os processos responsáveis pela instabilidade das identidades culturais, buscando a construção de uma identidade, de uma nação que necessita levantar-se com sua rica diversidade cultural frente ao mundo moderno e globalizado.

A “assimilação” de valores culturais por parte dos colonizados conduz o povo a se comportar como verdadeiros estrangeiros em sua própria terra, a importação de costumes e a dificuldade de pautar o cotidiano por normas e com valores que até então eram próprios da colônia os conduz a sensação de estranhamento social ou como citado anteriormente como estrangeiros em sua terra.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias

particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas [...] (HALL, 2006, p. 88-89).

Foi um longo processo de violência ideológica empreendido pelos colonizadores mostrando e impondo ao povo moçambicano os males de sua própria existência e inferioridade.

O interesse dos colonizadores e dos diferentes grupos se opunha veementemente de forma a consolidar nesses grupos a defesa de suas “identidades culturais” principalmente no que tange a etnia e raça. Outro fator relevante na conservação da cultura africana deve-se a tradição oral vista e entendida como o principal agente transmissor da cultura e tradição de todo um país.

Na fala do velho Sulpício veem-se as marcas de reconhecimento da existência do outro, de outra cultura, mas principalmente por toda a inferiorização imposta pelo branco não se vê o respeito pela diversidade vendo assim o Italiano como representante de uma raça que subjugou a sua.

Usando esses elementos Mia Couto nos introduz em questões complexas, a modernidade pelos estudos culturais é vista e entendida como elemento uníssono com a globalização. Como afirma Hall “a globalização tem efeito sobre as identidades culturais” (2006, p. 68).

O processo de globalização conduz o mundo moderno a um hibridismo de identidades, com isso o que se produz no mundo moderno ou o impacto cultural que o mundo moderno impõe encurta as distâncias exercendo assim um impacto imediato sobre pessoas e lugares.

Em Moçambique os processos violentos enfrentados, some-se a isso a força impactante da globalização, fez com que as identidades sofressem e passassem por processos desestabilizadores provocando dessa forma o que Hall classifica como uma “crise de identidade” (2006), a narrativa ficcional de Mia Couto dentro desse contexto explicita por sua força simbólica a busca não só pela afirmação dessas identidades em crise no mundo moderno como também à construção de identidade autêntica do povo de Moçambique, respeitando toda a diversidade cultural étnica e racial existente no país.

Ao passo que o Italiano Massimo Risi adentra no mundo cultural e na gama de costumes do povo de Tizangara, Couto aponta-nos os pressupostos à afirmação da identidade: as marcas de diferença, utilizadas para “demarcar fronteiras culturais”.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, 2000, p. 82).

Para a afirmação de suas raízes culturais, étnicas e de raça o velho Suplício a partir de processos de identificação, evocando sempre um passado histórico e a forma de hierarquização, deixa-nos claro as marcas de diferença utilizadas para a afirmação das identidades, vê-se nesse processo de identidade e diferença o viés social, utilizado através das relações de poder, Couto aponta claramente para o que afirma Silva anteriormente citado que a afirmação de uma identidade pressupõe a exclusão, pressupõe deixar de fora o que liga esses fatos intrinsecamente as relações de poder e por esses meios alguns grupos são excluídos e estigmatizados. “Mas o povo, em Tizangara, não se queria reconhecer amulatado. Porque o ser negro – ter aquela raça- nos tinha sido passado como nossa única e última riqueza. E algum de nós fabricava sua identidade nesse ilusório espelho” (COUTO, 2005, p. 59).

Segundo Hall (2006, p. 84), tal atitude pode ser vista e entendida como uma possível consequência da globalização. “a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”.

A busca defensiva da identidade se posiciona justamente como uma resposta aos processos de exclusão cultural, da inferiorização da raça negra fazendo com que as culturas que remetem as suas origens organizem-se de modo a identificar como seus todos os pressupostos étnicos, culturais e religiosos.

Contudo esse processo de reidentificação em um país resultado de um hibridismo cultural e étnico sugere a existência de novas identidades, essas de caráter político visto o sistema em que as mesmas se afirmam e que é possível depreender na narrativa de Couto. Provando dessa forma que as identidades estão sujeitas a processos políticos e no interior dessas mudanças quase sempre as identidades são plurais e que pela representação e diferença torna-se impossível que as identidades sejam puras e unitárias.

#### **4 CONSEQUÊNCIAS DA DIÁSPORA**

Na perspectiva da teoria cultural, o hibridismo entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias e raças solapa a ideia de pureza das identidades vistas antes como homogêneas e unificadas. Em Moçambique esse hibridismo acontece por meio dos diferentes grupos que formam seu mosaico cultural. Os processos de hibridização estão localizados em grupos sociais em ascensão e são marcados pelo colonialismo, por guerras e nascem dessas relações conflituosas.

“O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras” (SILVA, 2000, p. 87). Nesse contexto é preciso lembrar que Moçambique é o país herdeiro da bantuidade, árabidade e da presença europeia. Os processos de escravização das diásporas forçadas e mesmo o ato de cruzar fronteiras resultam em um contato com diferentes culturas favorecendo a miscigenação, a criouliização cultural faz com que as identidades se desloquem tornando possível experimentar toda a precariedade e instabilidade contida nas identidades.

No Universo fictício criado por Mia Couto, a vila de “Tizangara” onde estranhos acontecimentos estão a acontecer, soldados enviados pela força de paz da ONU misteriosamente e inexplicavelmente começam a explodir, gerando um clima de tensão e mistério na pequena vila. Uma comitiva da ONU é enviada ao lugar para esclarecer o motivo das explosões, um branco, o Italiano Massimo Rissi, vê-se obrigado a adentrar no mundo dos moradores da vila bem como a adaptar-se aos seus costumes e tradições. Nesse clima de tensão é possível perceber o contexto histórico de Moçambique. O momento em que se passa a narrativa é delicado, Moçambique vive o período da reconstrução, o pós-guerra, um país fragmentado e com profundas marcas de uma guerra civil que perdurou por anos de morte e sofrimento para o povo moçambicano.

#### **5 AS IDENTIDADES NO PÓS-COLONIALISMO**

É nesse universo fascinante entre o fictício e o real que Mia Couto apresenta personagens fortes e marcantes. Em uma primeira leitura do livro, não se percebe que as

personagens de Mía são “negras”, nem o autor as apresenta assim, Mía não situa o leitor quanto à cor da pele de suas personagens, ele não os rotula pela cor nem por sua raça, o leitor é livre para fazer essa inferência. Ao passo que lê a obra o leitor adentra no mundo ficcional do último voo do flamingo esse se depara com a forma brilhante e poética que as personagens são apresentadas e de como Mía Couto usa das mesmas para tocar em questões diversas tais como a tradição oral do povo africano e a perda da identidade que esse povo sofreu devido a anos de colonialismo (o que resultou numa importação de costumes da colônia), e a guerra civil. Através de metáforas e da criatividade da linguagem, o escritor deixa à mostra “o percurso que se dá desde a oralidade até a literariedade na procura de uma expressão inerente moçambicana [...]” (DUARTE; SCARPELLI, 2004, p. 177).

A mãe do tradutor da vila, a personagem não possui um nome que a identifique, tem passagem breve no romance de Mía Couto, mulher vivida, e oralmente passa ao filho a história do flamingo, boa parte do que se conhece da cultura africana era passado oralmente aos seus. A mãe apresenta ao filho a história do flamingo. “Para ela, os flamingos eram eles que empurravam o sol para que o dia chegasse ao outro lado do mundo” (COUTO, 2005, p. 47). E o sol a muito se ausentara de Moçambique devido aos anos de guerra e colonialismo. Mía se utiliza de uma escrita renovadora para dar vida e elencar questões que são intrinsecamente ligadas à tradição oral moçambicana. “A tradição oral é em África um sistema de auto interpretação concreta. Por ela, a sociedade explica-se – e explica-se a si própria. A história dos africanos dir-se-ia uma verdade ontológica. E vários são os veículos de que a tradição oral se serve para transmitir aos vivos o significado ontológico do grupo” (CHAVES, MACÊDO, p. 69).

A mãe do tradutor não consegue ver o rosto do próprio filho, em se tratando de Mía Couto pode-se inferir que a mãe do tradutor da vila pode ser comparada a África que não vê o rosto dos seus filhos, que não reconhece os filhos que perderam sua identidade e a mãe sofrivelmente não os vê. Como é possível perceber nessa passagem:

- Sabe filho, o quê é pior?
- E é o quê, pai?
- É que nossos antepassados nos olham agora como filhos estranhos (COUTO, 2005, p. 206).

Há no capítulo que narra à morte da mãe do tradutor um viés de misticismo e da tradição africana que pode ser entendida como uma crítica de Mia Couto a morte de todo um continente. A mãe do tradutor morre e finalmente contempla o rosto do filho, a inferência que se fez a pouco segue no romance, pois em momentos de lembrança ou *flash back*, filho lembra os conselhos que a mãe lhe dera, bem como lembra os costumes e tradições de seu povo, lembrando-o que a guerra nunca acabara antes “estava a amadurecer no coração de gente miúda, ou seja, a guerra deixa suas marcas, suas evidencias e fica imbuída no coração do povo ao se referir assim remete-nos aos acontecimentos em Tzangara e todo o frágil momento de reconstrução em Moçambique”.

A maneira poética como Mia discorre a respeito da criação de suas personagens pauta-se no ato de criação literária. “A literatura é o território sagrado onde se inventa um chão e nos sentamos com os deuses. O lugar onde, também nós, somos deuses. No momento dessa relação, estamos fundando um tempo fora do tempo” (COUTO, 2001, p.13).

Através desses pressupostos já citados anteriormente, que se tem da África, Mia Couto nos remete ao interior de mudanças sociais bruscas em Moçambique, mudanças de sistema políticos bem como econômico, e isso contribui de fato para que se perceba uma “crise” de identidade como afirma Silva (2000). “As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para os quais elas contribuem.” (SILVA, 2000, p. 25).

Em um país tão usurpado e com um imenso mosaico cultural fruto das diferentes culturas existentes em Moçambique as identidades sofrem processos desestabilizadores, tendo como fator principal os anos de colonização portuguesa a que esteve submetida à nação moçambicana, o choque cultural que se derivou dessa nova presença resultaria mais tarde em uma perda ou mesmo a assimilação de outras identidades, a lutar para manter vivo um passado e seus elementos culturais, são fatores relevantes para autoafirmação das identidades no mundo contemporâneo.

“O passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado.” (SILVA, 2000, p. 23).

Essa narrativa é construída de modo que consiste numa busca de afirmar a identidade do povo Moçambicano, uma escrita literária permeada pela oralidade, pela representação,

tendo nas personagens femininas os retratos de uma África que se ergue com voz própria frente a um mundo onde cada vez mais as identidades necessitam serem reafirmadas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou aprofundar nosso olhar a questões relacionadas ao processo de colonização e de como o colonialismo e pós-colonialismo exercem um papel de ordenamento como também de desordem provocando uma crise nas Identidades culturais, através da obra do escritor moçambicano Mia Couto, onde a mesma nos serviu como um pressuposto a uma análise apoiada por teóricos dos Estudos Culturais. Pode-se chegar a algumas conclusões: Os processos de estabilização das entidades estão intrinsecamente ligados ao colonialismo, não só as identidades dos colonos como também do colonizador; Não há fixidez das identidades culturais vistas os diferentes pontos de identificação e os pressupostos que as mesmas identidades evocam como marcadores da diferença; O discurso colonial subverte os valores da colônia. Pode-se ainda depreender a maneira poética como Mia Couto toca em questões sociais há muito esquecidas do povo moçambicano e de como sua narrativa nos ajuda a entender como os processos políticos e sociais interferem na formação das identidades culturais.

## **REFERÊNCIAS**

ABDALA, B. J. **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**/Homi K. Bhabha: tradução de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renati Gonçalves. Belo Horizonte: Editora. UFMG; 1998.

CHAVES, Rita. **Marcas da diferença: As literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

COUTO, M. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELGADO I. G. [et al.] **Vozes além da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e histórias africanas**. UFJF, 2006.

HALL. S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP & A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**/Stuart Hall; Organização LivSovik; Trad.: Adelaine La Guardia Resende... [et al.] Belo Horizonte: Ed: UFMG, 2002.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.